

Proclamação de todos os países, uni-vos!



AVANÇADA

PELA IV INTERNACIONAL

ORGÃO DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA (B. L.) Seção Brasileira da U. C. I. - B. L.

ANO VI

JULHO DE FORA 1 DE Junho DE 1936

NÚMERO 30

A Luta Pelas Liberdades Democraticas

Sob a aparência de uma situação muito sólida, Getúlio sente-se fraco, e inquietase com o futuro. Na última noite de reprimir o "putsch" de novembro, o governo foi além desse objetivo e, praticamente, realizou uma verdadeira "contra-revolução". De facto, embora ainda sustente tal-o feito apenas temporariamente, na realidade revogou a constituição (a estrutura "democrática" do Estado foi conservada apenas "em princípio"). O proprio governo anarchizou assim a "ordem jurídica" sobre que se baseava o Estado e dissolveu os outros "poderes constituidos" — a legislativa e o Judiciario: prendeu juizes que nas suas sentenças não obedecem a policia, prendeu parlamentares independentes, proibiu mesmo o exercicio da profissão de advogado, prendendo os raros que se atrevem a requerer "habeas-corpus" ou a defender, em juizo, presos politicos.

NA HORA DA VASANTE

E' evidente que por mais que a grande burguezia nacional, seguindo a risca as ordens dos patriões imperialisistas, queira perpetuar o estado actual de repressão transformando em "forma normal" de governo — a actual ditadura policia-burguezia, é impossível tornar estavel e permanente esse "systema" governamental. Falta reedificar a sua estrutura jurídica e de proprios quadros institucionais do Estado d'esse "systema". E, o que é mais importante, falta para essa readaptação um "apoio" de massa. Ou, pelo menos, na ausencia de um movimento de massa, "sanccionando esse estado de coisas", falta um "arbitro" nacional e evado acima dos partidos, com autoridade bastante para realizar a readaptação. Esse "arbitro" seria o resultado da neutralização de forças dos 2 campos antagonicos irreductíveis — o movimento de direita, burguez-fascista, e o movimento de esquerda, democratico-proletario. Essa polarização de forças porém não se deu ainda completamente, e apesar da

derrota da Aliança Nacional Libertadora e do período "stalinista", o fascismo (o integralismo) não conseguiu ainda fazer da reacção um movimento realocado de massa.

Sentindo esse vazio, a grande burguezia tentou, em momento, at-aves de seus jornais espendidos, fazer, na falta de melhor, do proprio Getúlio — o "Géral" — o "arbitro" de que precisava. Ela chegou mesmo a armar em torus dele uma aureola de "heroi" só porque na manhã de 27 de Novembro ele saiu de seu palacio e foi assistir de longe, por detras de sua rajá, soldados, muros e protecções de toda sorte, o debulxo de uma enorme bandeira da Cruz Vermelha hasteada no topo dum hospital. — a sua propria obra, o incendio criminoso, a bombas, do quartel do 7. R.I. na Praia Vermelha. Mas esse "resplendor" de heroi não lhe deu por gasto e, no caso: de 15 dias, já estava marcado e foi jogado debaixo da cama ao lado do seu vaso noturno.

Nessas condições, a burguezia começou a preparar-se para voltar a "ruilheira" "normal" constitucional. Mas não é facil descer-se das alturas policialescas do "estado de guerra" ao prosaismo do regime legal. Como todo reido, o difficil é retirar-se em ordem, sem grandes perdas. Na vasante é que a maré descobriu o que sendo cheyo de humidas e podridão. Se algo de "constitucional" não tornar a surgir — e, a esse proposito, ele deve estar ansioso a olhar para Palmito Müller, a supora de alguma "vinda" descoberta providencia — de mais a guma "conspiração", Getúlio terá mesmo que entrar na "vasante" constitucional. Se derem então com as torpezas e porchinas que se depositaram no fundo do seu governo encobertas pela enchente reacionaria, a volta á constituição abrirá as comportas da indignação popular reacitada, e o barco governamental terá resaca pela proa. Acrescenta-se a isso a apro-

ximção da luta pela sucessão presidencial, e comprovando-se que os horizontes politicos de Getúlio não sejam dos mais claros.

Eis porque Getúlio, do alto do "reorientamento" de sua autoridade, quer paz aos arrais politicos da burguezia. Não por isso que ele não ou chamar Getúlio Neves e Maurício Cardoso a "sancto sagrada" contra o "extremismo". Getúlio quer que a maioria "parlamentar" cubra a sua revoia e ajude a conduzir remanescendo o leco do governo ao porto constitucional. Apesar de Jacina, secretário do governo que se tem a rou, satisfazendo a todas as vontades deste, mesmo as mais infames, a minoria, ainda assim, só por obter a "oposição" ficou, nos olhos populares, menos comprometida do que a maioria, e, foi exactamente por isso que Getúlio apela para seus serviços.

DEMAGOGOS ACORRENTADOS

A minoria foi espreimida á parede: de um lado, ela considera os seus interesses politicos proprios; de outro lado, o seu "instinto" de classe que a retém e a torna covarde. No primeira caso, ela enxerga o enorme partido que poderia tirar explorando e verberando, da tribuna parlamentar, os crimes do governo. Isso equivaleria a atirar finalmente as portas da popularidade. No segundo, ela teme as possíveis consequencias ulteriores dessa politica nucaiosa. Ela teme o seu proprio triunfo junto da massa. Ela precisa da massa para vencer, mas tem medo de despertar um movimento popular. Ella é, como o tropelro que viveu pouca confiança em si, e, ao conduzir a tropa, temessas que, em meio do caminho, se desse um estouro de bolada. (A chimparrada pode parecer pejorativa, mas para os burguezes que desconhecem as leis da psicologia de classe a massa é apenas uma bolada sem discernimento furiosa e cega: a vantagem dos marxistas é justamente a de conhecer essas leis... e não temer os movimentos de massa, mas comprehendel-os e oriental-os.

A Luta Pelas Liberdades Democraticas

(Continuacao)

Essa timidez dos demagogos accor-
tados da minoria e um simples reflexo
da covardia de sua classe: com o movi-
mento offensivo de 30 a burguezia brea-
leira, em conjuncto, expostos a sua auda-
cia politica. De entao para ca ella tem
vindo se empedrando suas reacções em
cada vez mais oculto e cada vez mais
vil. Ella não irá mais, não atom hedi
mesmo perto de outubro de 1930. O mo-
vimento de A. N. L. foi, allas, senão ep-
si mesmo, mas na intenção de seus or-
ganizadores. Prestes, o partido stalinista
e os restos da facção de uma touca
tiva de galvanizar pelo menos a parte
mais avançada da burguezia nacional para
um novo 30, e o resultado foi o fructo
que vimos. A burguezia nacional curou-
se das "aventuras revolucionarias" em
quanto a pequena burguezia e o prole-
tariado, as massas do país "e agora é
que começa a fazer politica" e com
que audacia e com que enthusiasmo se
agora também é que os politicos burgue-
zes vão percebendo.

A minoria, por isso mesmo, não ven-
cerá esse dilema. Continuará a vegetar,
ensaiando aqui e acolá alguns gestos
platonicos para fingir que existe, até dis-
solver-se numa maioria governamental
do occidente, possivelmente em torno do
futuro successor de Getulio, não nos
interessando a bor se o fará toda vaidade,
com os seus componentes de hoje ou si
ficarão sobrando algumas de suas figuras
actuaes que terão de resignar-se a formar
outra vez, em minoria, com as sobras
possiveis da nova maioria.

AS MEIAS MEDIDAS DA MINORIA

Das partidos politicos burguezes tra-
dicionaes nada ha a esperar. Deixados
a sua inerencia, nada acontecerá. Alcan-
çados por algum movimento de massa
suscobriado, ou serião arrastados do rol-
do de saque esse movimento para a di-
reita ou para a esquerda.

Por todo isso a minoria tem de se
contentar com meias-medidas, seguindo
simplicemente a politica de Mattoso,
primeiro os teus! — Assim, vemol a apoiar
o estado de guerra, apenas com exclu-
são da clausula que permite o governo
metter ad xadrez os deputados e senado-
res. Mas os collegas que já estão lá
dentro, paciencia. Quanto as demissões
vergonhosas de militares, professores,
medicos, empregados, operarios, se im-
ta a desejar que daqui por diante o go-
verno não faça mais isso, e em vez de
demissão as proximas victimas sejam
apenas suspensas de suas funcções até
decisão judicial (isto é, até que o juiz
burguez, amigo, parente ou servicial do
governo torne definitivo e legal o abuso
de poder committido). Quanto a viola-
ção esancionada da autonomia do Distric-
to Federal, não um pito, Julia Pedro
Lima a não em sua comprehensão.
A minoria não precisa, longe disso,

nem mesmo bater as reações por essas
migalhas. Ella apenas crêde um desejo
e, para apoiar a burguezia que este
prometta não produzir mais deputados
sem licença, para a Câmara, formal-
mente esta, perfeitamente inutil, porque
com ou sem o partido da licença, a maio-
ria parlamentar de ante-não comendo tudo
o que o governo quiser. No fundo, o
que a minoria quer é ter também o di-
recto da votar a prizo de seus pares,
colaborando portanto com o governo nas
medidas violentas de repressão.

Em troca da promessa do governo em
atender as "aspirações" da minoria, ella
deve aprovar todos os crimes e torpezas
committidos pelo governo de de-
os ultimos dias de novembro até hoje.
E a propósito de "policias" e "serviço a
exposiçaõ sobre o banditismo policial" dan-
do ao governo a garantia de que tanto
carece para salvar-se e enfrentar o des-
contentamento popular. E continuará, sob
uma forma mais disfarçada, talvez, a
actual diatriba dos "Miras", com o regi-
mo das burras, das torças, das prisões
e assembléas.

A luta real e a defesa dos liberdades
democraticas não se fará com os dema-
gogos enganados ou chics marca Luzar-
do ou João Neves, nem com os mo-
gaterios reaccionarios como Borges, Ber-
nardes e O. Mangabeira. Essa gente
não deixará o pulso parlamentar nem
sairá dos salamaqueos proteccionistas que ali-
sto de praxe. A luta politica para elles
se resume nos cordões e transacções
equivocas por detrás dos bastidores. Os
governamentistas e opposicionistas acabam
sempre se entendendo por traz dos re-
pos eiros privadiços ou das cortinas das
alcovas.

Todas as valvulas de escapeamento de-
mocraticas e legais, estando fechadas,
sem tribuna, por emperrar, sem imprensa,
sem nenhuma brecha por onde possa es-
capar o menor indicio de descontentamento,
até mesmo as assembléas syndicaes em
recinto fechado prohibido, não surt a
voz do falante de João Neves ou da gru-
nhidos de Luzardo que traddirão dentro
do recinto abafado da Câmara os verda-
deiros sentimentos do povo.

QUEM PROTESTA? COMO PROTESTAR?

Quem, nestas condições, pode qual-
festar publicamente o seu desaccordo,
rompando todos os abalardos e morda-
ças da repressão? A não ser a voz
irreprimivel da vanguarda proletaria
través sua coragem nãta legal, seus
jornaes e boletins clandestinos, ninguém.

Mas que classe, que grupo poderá dar
a esse protesto o caracter impetuoso de
massa que precisa atingir para ser eficaz?
A pequena burguezia? Não, porque os
melhos de que ella dispõe são os melhos
democraticos vulgares: a palavra, es-
cripta e falada, ou o voto, e não as in-
tando nos seus caracteres totales a psi-
cologias proprias que a tornam inapta
para dirigir a luta. Não é, sua falta de
homogeneidade como grupo, seu indivi-
dualismo anárquico, sua instabilidade po-
litica, reflexo de sua instabilidade eco-
nomica.

Os camponeses, os trabalhadores ru-
res? É claro que não. A dispersão
um que vivem, seu isolamento, seu aca-

zo social e politico os impossibilitam
de vanguardar qualquer movimento.

Resta apenas a proletariado. Sinaes
nada social, sua concentração nas gran-
des cidades, sua disciplina no trabalho
colectivo — tudo isso que lhe foi impos-
to pela produçãõ industrial moderna —
lha dão os melhos do proletariado. Não é
sóto que elle é por isso mesmo a classe
mais avançada da sociedade, o porta-voz
de todas as aspirações do povo explora-
do e opprimido. O capital o aglomerou
nas grandes centros urbanos; o capital
o reuniu, para o trabalho, debaixo de
um mesmo tecto, dentro de um mesmo
local, em suas officinas, em seus ateliers,
em suas fabricas immensas. O capitalis-
mo lhe pôz nas mãos, prescutes a chave
da vida moderna — as manivelas das
maquinas, os freios das locomotivas, as
avanzas propulsores da industria, dos
transportes, da electricidade, das com-
municacões aereas e inter-continentes,
do telégrapho, etc. O proletariado não
precisa da palavra, como os intellectuaes
e pe-veios burguezes, para protestar.
E mesmo, o stia's vehemente e eficaz de
seus protestos consiste em CRUZAR
OS BRACOS.

Nas condições actuaes não ha outra
forma de protesto possivel. Diante da
inertencia dos liberdades e opposicionis-
tas de lancarla do parlamento burguez,
diante do emudecimento covarde das
pennas espendidas da imprensa bur-
guezia, diante da mordaca politica que
nos tranca a voz, só o protesto pela
greve é possivel e efficente.

Debaixo do não do "estado de sitio"
ou de "guerra", o proletariado não es-
morece na sua luta diaria, e recusa agora
um novo combata pelas liberdades dem-
ocraticas. A hegemonia politica do pro-
letariado se firma pela energia e decisão
com que elle sabe lutar pelas aspirações
mais sentidas da massa trabalhadora.

A raz delle, depois delle, fazendo, final-
mente, ao seu protesto um óco sem fim
por toda a vastidão do país, se manifes-
tando as câmbas mais profundas da
populaçãõ.

É preciso pois preparar, incunçavel-
mente, como o primeiro dever do mo-
mento, o protesto generalizado da classe
op raria, contra as infamias da repressão.

Pela greve, parando todo o appareho
productivo industrial do país por 24 horas,
o proletariado mostrará a burguezia e
seu governo que não concorda com o
"estado de guerra" nem com a ditadura
policial, que está disposto a lutar até a
victoria para que cessem a repressão, in-
lame, cessem as burras, as torças, as
prisões, as perseguições, as instâncias,
para que sejam libertados todos os pro-
prios politicos, militares e paisanos), para
que sejam readmittidos nos seus emprega-
dos todos os que foram roubados de
seu ganho pelo (militares e civis) por me-
diões politicos; para que seja restituida
a autonomia do Distrito Federal, com a
volta do governador municipal eleito, Pe-
dro Ernesto; para que seja restituida a
autonomia dos seus syndicatos de classe,
e restauradas todas as liberdades demo-
craticas esmagadas!

Es o unico protesto capaz de a'rtressar
os muros espessos da repressão e ser ouvido
em todo o Brasil; este será por isso
mesmo o unico que a classe inimiga e
seu governo respeitarão.

GEORGES

O SENTIMENTALISMO DAS MASSAS E O DEVER DA VANGUARDA

(Continuação de 1.ª pag.)

visões marxistas, acabaram, ali de nós! por serem incoerentemente confirmadas pelos acontecimentos, de modo tão esmagador!

Estamos profundamente convencidos de que se a vanguarda revolucionária tirar honestamente a lição da experiência, se estudar seriamente as causas da derrota e as responsabilidades que cabem a cada partido, a cada chefe proletário, acabará por adoptar as nossas ideias e conclusões. Estamos também ardentemente convencidos de que se assim o proletariado poderá sair do atoleiro actual.

A critica marxista, pois, escuracodora e positiva, é o primeiro passo que deve dar a vanguarda, antes de atirar-se a um novo trabalho de massa. Por outro lado, as novas e actuaes palavras de ordem pelas liberdades democraticas, orpisadas e destróidas pelo governo burguez; a luta incessante pela libertação de todos os presos politicos; a campanha pela revogação do estado de guerra, pela readmissão no topo os trabalhadores e funcionarios demittidos por motivos politicos, pela defesa das imunidades parlamentares cynicamente desrespeitadas, pela autonomia do Districto Federal, abertamente violada com a prisão de Pedro Ernesto, sómente serão efficazes se combinadas, na consciencia da vanguarda, com a critica bolchevista dos erros cometidos pelos dirigentes stalinistas e prestistas.

A propria inserção de Prestes e com-

panheiros só se fará com grandes movimentos na massa. Esses movimentos de massa puram só serão victoriosos se a vanguarda que os dirigir romper com os methodos de luta, a tática e a linha politica seguidos por Prestes e o chamado partido communistas que tão máos resultados deram! — isto é, "a politica stalinista", feia de aventurismo irresponsavel e de vergonhoso oportunismo ideologico.

Para arrancar os das grades dos carcerees burguezes é necessario que a vanguarda revolucionaria saia ligada profundamente as massas e, isto, se conseguira abandonando todo o anterior aventurismo prestista e stalinista; é necessario que a vanguarda seja guiada por uma linha politica realmente de classe, realmente proletaria e communista, e neste caso tera que abandonar todo o oportunismo ideologico do stalinismo, sua desarada falta de principios, seu cynico laboracionismo de classe. Entim, a vanguarda proletaria precisa quanto antes de se reagrupar, sob os principios do marxismo e a methodologia revolucionaria de Lenina, lançados uns e outros as origens pelo stalinismo, mas recolhidos e inscriptos hoje na bandeira da QUARTA INTERNACIONAL e confiados, em todo o mundo, inclusive dentro da propria União Sovietica, á guarda fiel dos bolcheviques-leninistas.

existiu no Brasil sob o Imperio... Trata-va-se da democracia delles, dos punhorees de escravos que gozavam, realmente, da maior liberdade, mesmo pa da matar os seus semelhantes desde que fossem escravos. Para estes, porém, que especie de democracia existia? O tronco, o feitor?

De que trata agora o Manifesto em sua verde? Desta democracia ludosista? Apesar das sympathias dos principios em litigio pelo Integralismo, claro que não.

Da democracia digna deste nome, isto é, do governo da grande maioria do povo? Não. Tal democracia é incompativel com o Estado corporativo Integralista. Não podem ambos coexistir muito tempo. O Estado Integralista mantém todas as bases do regimen actual de exploração do homem pelo homem; e, portanto, o instrumento de uma minoria exploradora contra uma maioria de explorados.

No regimen corporativo representarse todas as classes. Os interesses contradictorios inconciliaveis dos explorados e dos exploradores se entrecroçam, a luta, com a victoria de um dos bandos ou o accordo forçado imposto por uma força superior. A luta com a victoria de um dos bandos significa o effacemento do regimen corporativo ou da representação de ambas as corporações. Isto é ou a volta ao Estado actual ou si a victoria pende para o outro bando a estrutura do regimen capitalista, a implacação do Estado sovietico.

O accordo forçado imposto por uma força superior seria a negação da verdadeira democracia. Que força superior seria essa sob o governo do Integralismo? Não ha como duvidar. O Estado. É a unica possivel. Vimos acima porém que essa força, isto é, o Estado Integralista representa uma minoria de exploradores contra uma maioria de explorados. O accordo representaria, pois, uma submissão da maioria aos interesses da minoria; seria a negação da verdadeira expressão "democracia", isto é, do governo da maioria. Só o regimen sovietico, assegurando a participação activa, deliberativa e executiva, da grande maioria do povo, isto é, das classes trabalhadoras, do campo ou da cidade, constitue a verdadeira democracia.

A que democracia, pois, se refere o manifesto Integralista? Não pode haver a menor duvida. Refer-se a democracia burguesa, ao actual regimen, ao que os Integralistas chamavam a democracia liberal, ao regimen que até agora condemnaram.

Os proprios termos do Item 5.º do manifesto relativo ao Estado corporativo não deixam sombra de duvida quando diz "será mantida a forma republicana, federativa e democratica".

O Manifesto representa, pois, uma capitulação do Integralismo ante a democracia burguesa.

MANIFESTO-RECUEO

O Jornal do Integralismo de 2 de fevereiro publicou o novo Manifesto-Programma da Acção Integralista Brasileira. Seu conteúdo traduz um recuo nas afirmações demagogicas contra a "democracia liberal" e, num estylo "dignissimo", num estylo a Helio Lobo, abrida financeira e social do Brasil, parece-se muito com o programma de um candidato mineiro ou paulista á presidencia da República. Os pontos errdentes em que girou até agora a campanha Integralista foram deixados em silencio ou apenas veladamente se deixam advinhar ao leitor habituado á cantilena Integralista.

Ser-hos-in impossivel dar-nos as pequenas dimensões do nosso jornal, fazer uma critica completa do Manifesto Integralista — esse documento de cynismo e ignorancia. Somos forçados a faz-lo paulatinamente, abordando pouco a pouco algumas de suas partes.

Duas notas das mais repetidas pelo manifesto Integralista foram até agora: a unidade nacional e o estado corporativo e Integral em opposição e condemnado á liberal democracia.

Não é, pois, sem surpresa que se lá o

Item 5 relativo á organizaç. o corporativa do Estado:

"Será mantida a forma republicana, federativa e democratica, apenas com as modificações decorrentes do systema corporativo".

Adaus, condemnação do mosaico brasileiro das vinte republicas se entruchando... Adaus, republica unitaria dos sonhos do Chafe... Os chefes provinciales precisam, tambem, de ter suas esperanças.

Isto de um lado. De outro, o ponto central do programma do Chafe — O Estado Corporativo — passa a um simples accessorio da forma republicana, federativa e democratica. Esta o essencial.

Os camilans verdes podetão sophismar sustentando que o Estado corporativo e a democracia não são incompativeis. Não lhes resta outra justificativa para incongruencia do Chafe do que mais essa mystificação. Uma mystificação exige sempre uma maior que a real. Vejamos a que se reduz a mystificação.

Fala-se de democracia... de democracia, falou-se sempre. Os monarchistas sustentam ainda que democracia e liberdade só

AUXILIAR E DIFUNDIR
A IMPRENSA BOLCHEVIQUE-
LENINISTA E DEVER DE
TODOS OS QUE QUEREM O
FIM DO REGIME DA EXPLORAÇÃO,
ESCRÁVISAÇÃO, FOME
E MISERIA!

O SENTIMENTALISMO DAS MASSAS E O DEVER DA VANGUARDIA

Em face do inesperado do golpe de Novembro e do seu fracasso instantâneo as massas reagiram pela passividade e pelo retraimento. Aliás diante das trágicas consequências do aventurismo novembrista ellas não tiveram tempo de agir de outro modo. Mas não se pode duvidar que cada operário consciente, cada proletário esclarecido não tenha, no seu intimo, em sua casa, ou dentro de seu local de trabalho, "torcido" pela victoria do movimento. O contrario é que seria de espantar.

Os bandidos da reacção quiseram, no entanto, se aproveitar do retraimento do proletariado para deduzir que os sentimentos populares eram contrarios aos desfechadores da novembrada e solidarios com os infames triumphadores da hora. E as penas mais prosituidas da imprensa burgueza, e os invertidos moraes e sexuaes da politica, do phisico e da cathedra burguezes entraram a cantar victoria em todos os tons, ao mesmo tempo que caluniavam torpemente os vencidos, tripudiando sobre os verdadeiros sentimentos das massas.

Pellito Murér foi máximo de tudo, com todos os seus capangas e melandros, a categoria de anti-tutejar da sociedade. E as perseguições não pararam mais, com toda a seu esquite de prisões, invasões dos lares de militantes, roubos, espancamentos, assassínios e torturas de toda sorte. O banditismo policial ficou emfim livre de qualquer peia e responsabilidade. Mas através os muros espessos das prisões, varando as grades, mordagens e abaladores da policia chegaram ainda assim a lora os gritos e ochor surdos das torturas bestiaes falladas de vitimas da sanha feroz da reacção.

O sentimento de apatia e retraimento das massas foi, no entanto, nos poucos se transformando em sympathia pelos vencidos e perseguidos. Com a prisão de Luiz Carlos Prestes uma verdadeira onda de sentimentalismo inundou os meios proletarios e pequeno-burguezes. O primeiro sentimento de abatimento solidario em face da derrota e que se transformava em sympathia aliada passiva pelos vencidos, culminava assim sentimentalmente num mixto de pena pelo autor emfim caído e de solidariedade para com os vencidos que é no mesmo tempo o primeiro protesto politico contra a reacção.

A consciencia da massa começa assim a despertar, embora de modo ainda negativo, e no dominio puramente subjeti-

vo sentimental. A massa passiva e passiva instintivamente um limbo de inhihição que lhe se encontra. Sendo sua reacção ainda puramente sentimental, ella recusa, como num gesto reflexo, a ouvir, por enquanto, qualquer analyse critica e objectiva dos acontecimentos e das consequências desastrosas do golpe do anno passado.

Mas esta expressão de solidariedade meramente sentimental não basta. E mesmo se perdurar, acabará por crystallizar-se numa tendencia permanente a paralyisação que viria ahiincar o actual sentimento deprimido e passivo de impotencia. O resultado seria que a massa em vez de retomar o caminho da luta, tomaria o da resignação desvitalizante, e o por a estaria aberta a todas as perversões mysticas e reacções da religião, da reacção e do fascismo. Os sentimentos actuaes da massa devem ser transformados em "força motriz" da acção politica. Na evolução de seus sentimentos, a massa vai chegar a perguntar: que se precisa fazer para transformar a nossa solidariedade sentimental em acção effizca e possivel? Que favor dos presos, perseguidos e proscritos? Agora militantes da vanguarda que escaparam das garras da repressão e que se e respingam: A vanguarda deve então saber dizer a massa o que se precisa fazer, indicando-lhe o caminho e a direcção da sua nova actividade.

Para estar apta a preencher essas funções, a vanguarda precisa levar em conta dois factores essenciaes: O primeiro é que a massa, a ler, a seu modo, na pratica, pela sua attitude de retraimento em Novembro, é sua apreciação critica, embora hesitante e hesitante, do caracter aventurista do golpe fracassado, demonstrando que se não deixa arrastar a lutas dechivas, levianamente, por organizzações e dirigentes golpistas e illudidos por mais sinceros ou prestigiosos que sejam. O segundo factor é que se o militante vanguardista não souber tirar a conclusão, daquella attitude da massa, em Novembro, e fazer a critica justa do movimento não conseguido, guiloteado, no campo politico, produzindo. Pelo seu retraimento, a massa considerou legítima a o movimento allianista do anno passado, embora, como é natural, não desse a esse movimento nenhuma expressão consciente de critica. O trabalho de desvitalizante do banditismo critica, instintivo e pratico da massa, que deve ser feito agora pela vanguarda a esta altura, explica theoreticamente a uelle retraimento, tirando d'elle toda

a sua significação e a sua direcção como estratégia politica, e a recolher as lições da experiencia. A queda não só quanto ao golpe, mas de como em relação as suas illuzões, consequências. E aqui é que está todo o busilio, pois sem essa critica não se poderá emprenhender a alguma nem dar a massa nenhuma direcção critica e effizca. Além disso, a experiencia do desastre não poderá ser feita sem o estudo serio de suas causas, inclusive a critica dos sentimentalismos, dos responsaveis principaes pela derrota. Ao mesmo tempo que devesse levar as massas com a critica das armas, devamos tambem empunhar as armas da critica, segundo a expressão de Marx.

A massa já começa a sentir a necessidade de agir, mas não quer que se repitam os erros fustados de novembro. Para que a massa torne a ter confiança na sua vanguarda é preciso que esta se apresente a ella senhora do terreno em que está pisando e sabendo mostrar as verdadeiras causas do fracasso do movimento allianista e os erros cometidos pelos seus dirigentes, e principiar por Carlos Prestes.

Um dever absoluto, por isso por todos os meios e em auxilio dos milhares de combatentes, militantes, companheiros, operarios, pequenos-burguezes, officiaes, sergentes, soldados, intellectuaes, estudantes, professores e até dos pertencentes presos ou perseguidos. Mas não é melhor o dever, para todo militante revolucionario, todo comunista, de apurar todas as responsabilidades, revelando os erros politicos cometidos, apontando-os ees consequentemente um novo caminho mais justo, capaz de levar realmente ao triumpho ulterior da causa da emancipação dos trabalhadores. Sem essa luta de critica não se evitar a repetição dos mesmos erros e fracassos futuros.

Não podemos, por conseguinte, levados apenas por um sentimentalismo piégas e pequeno-burguez, cessar as nossas criticas a Prestes, não dirigentes stalinistas e illudidos, e a lora a lora a actual situação. Nos bolcheviques-leninistas, diante do triumpho da nossa torpe das reacções, diante do banditismo policial dessem esultado, não nos avilamos e penam com os nossos proprios camaradas de organizzação que se encontram actualmente nas masmorras gestulantes, não nos solidarizaremos integralmente com todos os combatentes e companheiros presos, e não desconfiaremos jamais na luta implacavel por um libertação. Isto porque isto significa, de modo algum, que vamos suspender as nossas criticas, que já foram feitas antes de novembro, como pre-

(Cont. na 3a pag.)